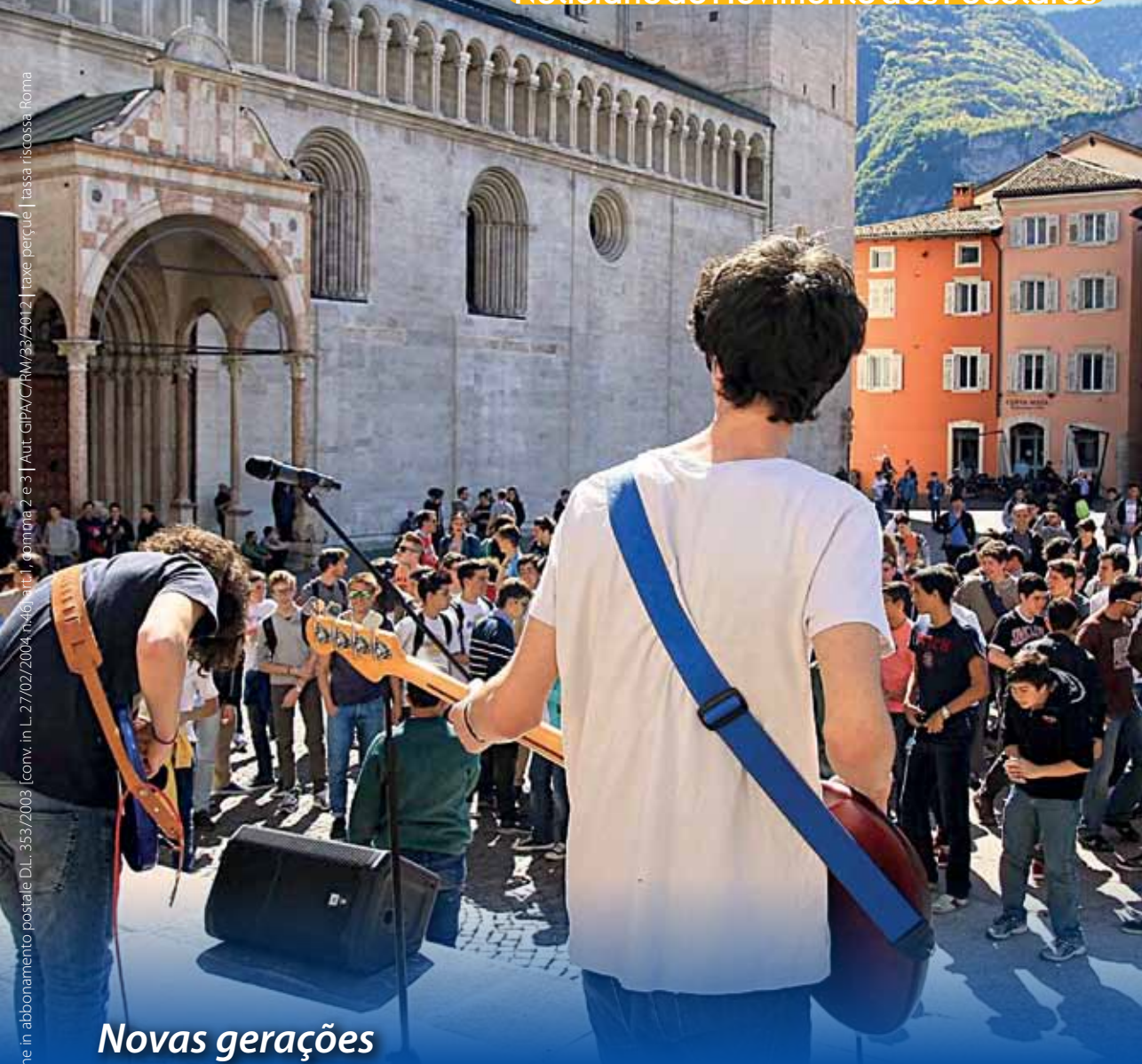


ANO XXXI N 07 JULHO 2014

MARIÁPOLIS

Noticiário do Movimento dos Focolares

Poste Italiane S.p.A. | Spedizione in abbonamento postale D.L. 353/2003 (conv. in L. 27/02/2004 n.46) art. 1, comma 2 e 3 | Aut. G.P.A./C.N.M./33/2012 | taxa per copie | tassa riscossa Roma



Novas gerações

**Uma Obra
que educa
em conjunto**

Viagem ao Iraão

Em Qom,
coração do
Islão xiita

No Equador

Portagonistas
as comunidades
locais

Aquele que educa

Publicamos alguns pensamentos de Chiara extraídos de uma sua intervenção em Loppiano, em agosto de 1966, às focolarinas. Eram as primeiras intuições do Movimento gen, que iria nascer pouco tempo depois, que se distinguiria em quatro gerações. Um texto de referência para aqueles que, na Obra se dedicam à formação das novas gerações.

Ver artigo de aprofundamento nas páginas seguintes

«Temos a nítida sensação que a resposta para as crianças e jovens de hoje está no Ideal [...]. Por isso, nós temos que ter uma equipa forte, de crianças e jovens bons que se aproximem de outros jovens e os façam ser bons. Porque é sempre assim: com as crianças conquistam-se as crianças e com os jovens conquistam-se os jovens. [...]

O Ideal não é um monopólio dos grandes. Não se pode olhar para as crianças de cima para baixo. O Reino de Deus é também para as crianças. [...]

As crianças, os pequeninos não são feitos para as coisas normais deste mundo, os negócios deste mundo. As crianças, sobretudo as mais pequenas, são feitas para as fábulas, para as fadas, para qualquer coisa que vai para além, diria eu, da vida quotidiana, simplesmente humana. Qualquer coisa que ultrapassa este nosso modo de conceber a vida.



Fontem, maio 2000

Uma coisa, diríamos nós, bonita, mas mais do que aquele bonito que se conhece normalmente. Qualquer coisa, no fundo, com algo de milagroso. [...]

Há no nosso Movimento, que agora se apresenta como Obra de Deus e não como uma obra humana, um qualquer coisa de encanto de aventura. Agora, sobretudo a juventude, quer a aventura, quer a conquista do mundo. [...]

Nós não devemos tratar as crianças como crianças. Não devemos ver neles apenas crianças. Devemos ver neles crianças com uma alma, e a alma não é nem grande nem pequena. [...]

Por isso, devemos dar tudo às crianças e aos jovens do nosso Movimento [...]. Por exemplo, quando se fala da Obra hoje, deve-se dizer a eles? Sim, deve-se dizer. Basta saber salientar aquilo que há de heróico, de aventuroso e fantástico. [...]

Deve-se dar tudo a eles, fazendo-nos um com eles, porque eles, além do mais, estão muito mais próximos de Deus do que nós. Os anjos deles vêem o Pai. [...]

Mas não devemos brincar com as crianças para conseguirmos fazer-nos seus amigos e dar-lhes depois uma liçãozinha de moral e dizer-lhes: agora vou-vos contar qualquer coisa do catecismo ou da espiritualidade. Nós temos que brincar com eles porque os amamos. [...]. E como é preciso muita energia para saltar como saltam as crianças, temos que distribuir as tarefas. Mas não só por causa disto, mas para que sintam a presença de toda a Obra ali e porque toda a Obra com Jesus no meio [...], e Jesus no meio pode substituir o pai, a mãe, os educadores, porque é também mestre. [...]

Então, aquilo que devemos fazer é que toda a Obra seja englobada [...] e que se pode dizer tudo. E quem é que o sabe dizer? Jesus no meio. Não são as pessoas, individualmente, mas Jesus no meio».

Chiara

«A louca responsabilidade daqueles corações»¹

«Quanta alegria para uma mãe o pensamento de ter dado a vida corporal aos seus filhos. Quanta alegria para uma professora o pensamento de ter partilhado o primeiro pão da sabedoria a estes pequenos e tê-los alimentado convenientemente com as pequenas moléculas necessárias. [...] É verdade que nem todos sabem ler e escrever bem. Mas fez-se qualquer coisa por todos. [...]

Gostaria de lhes dizer que ainda enquanto o facho da fé não treme ao sopro impiedoso da impureza e do egoísmo, aproximem toda a sua pequena alma aberta ao grande amor de Deus, que se difundiu com o seu perfume em todas as coisas, gostaria de os levar à contemplação do Eterno! Porque são meus. Porque sou eu que devo construir naquelas almas. Sou eu que tenho a louca responsabilidade daqueles corações! Quando penso em fazer-lhes tocar o Céu com um olhar, oh! grito por quem me pode ajudar.

E a mãe do Céu, que sempre fez sentir a sua proteção poderosa nos miseráveis, nos pequenos, nos pobres, vai ajudar-me. Os meus pequenos amam-na. [...]

Eles são filhos de Deus, daquele Deus que ameaçou o escândalo com palavras de fogo. E se eu os trato assim, com palavras demasiado humanas, sem os pôr em contacto com a sua realidade mais direta, que é a realidade do céu, não será um pequeno escândalo, não será um engano?

Não! Não eu sozinha. Eu sozinha não consigo. Estrago. Destruo. Anulo.

Mas, com Ela, estou em segurança. Com Ela posso continuar. A meta está ali. Estão no caminho verdadeiro. Afinal Ela é a 'Sede da Sabedoria'!».

1 Apontamentos, provavelmente, dos primeiros meses de 1941, quando Chiara começou a ser professora em cognola (Trento), na Obra Seráfica, o colégio para orfãos dos Padres Capuchinhos, citado em L. Abignente: *La santità nel pensiero e testimonianza di Chiara Lubich*, Nuova Umanità (2013), n.206, pg.157

A photograph of children playing outdoors. In the foreground, a young boy with curly hair is looking down at a red cloth on the ground. Other children are visible in the background, some sitting and some standing. The scene is bright and appears to be a park or a schoolyard.

Projeto Uma Obra que educa

«Desenvolver todas as potencialidades das crianças e dos adolescentes, fazê-los crescer de maneira harmoniosa, ajudá-los a realizarem na vida o projeto que Deus tem sobre cada um deles». Marina Vegliach, do Centro Famílias Novas, descreve de maneira sintética as finalidades de um documento elaborado recentemente para todas as Zonas do mundo inteiro. O título, «Diretrizes do Movimento dos Focolares para a promoção do Bem-estar e a Proteção das crianças e dos adolescentes», exprime um trabalho realizado conjuntamente pelos Conselheiros para o aspeto «Vida física e natureza» (Cristina Negro e Corrado Martino), os Centros gen3, gen4 e Famílias Novas. Esclarece Marina: «Nós não queremos apenas que os mais jovens sejam protegidos, pois isso seria reduutivo. Interessamos o seu “bem-estar”, um conceito muito mais amplo que compreende o aspeto físico, psicológico, moral, o desenvolvimento integral da pessoa nas várias fases do crescimento. E neste documento dizemos o que o Movimento dos Focolares faz com este objetivo».

São conceitos que têm as suas raízes nos inícios do Movimento, quando Chiara compreendeu que o ideal da unidade também era feito para os mais pequenos, a ponto de fazer nascer os movimentos gen3 e gen4.

Porque então se chegou a elaborar um documento com este fim?

«Por aquilo que foi dito até agora – explicam Corrado e Cristina – se percebe como é importante a figura e o papel das pessoas

As origens de um documento sobre o bem-estar e a proteção dos mais jovens, dirigido a todas as comunidades do Movimento dos Focolares no mundo.

a quem é confiada a formação das crianças e dos adolescentes. Além disso, como se sabe, nos últimos anos a Igreja católica dirigiu um convite a todas as Conferências episcopais, e portanto a todas as formas associativas, para que adotem procedimentos, transparentes e rigorosos, para prevenir e eventualmente gerir episódios de abusos sobre os menores. Por isso também a Obra quis aprofundar o tema e estabelecer algumas regras». «Vendo como em vários países do mundo – prossegue Matthias Bolkart, responsável no Centro pelo setor dos gen4 – procurou-se já dar uma resposta adequada ao fenómeno do abuso sexual dos mais pequenos, através do estudo de ações de prevenção, e foi possível realizar no Movimento cursos de formação para pessoas que se dedicam ao acompanhamento dos jovens. Durante o Conselho geral na Terra Santa, em fevereiro de 2011, sugeri à Emmaus de criar uma “plataforma mundial” com um documento de base que explicita a posição dos “órgãos

de governo” do Movimento sobre o tema da proteção dos menores».

Esta foi a origem do percurso de que se falava, que além dos centros citados envolveu pessoas de diferentes áreas: juristas, psicólogos, especialistas da idade evolutiva, educadores, pediatras. As diretrizes elaboradas vão servir de orientação para as comunidades do Movimento presentes nos vários países do mundo, deixando aos diversos centros nacionais a tarefa de as adaptar às respetivas realidades culturais e jurídicas.

«De facto, o nosso desafio – sublinha Christiane Heinsdorff, responsável no Centro pelo setor das gen4 - é ser um movimento internacional, por isso devemos ter em conta sensibilidades muito diferentes de continente para continente. Não nos devemos assustar,mas fazer as coisas com gradualidade, de acordo com as próprias forças e os hábitos locais. A coisa mais importante para nós era criar a consciência da necessidade de uma tomada de consciência sobre este tema e agir conseqüentemente».

A figura do assistente/animador está muito definida na Obra, graças à longa experiência feita em todas as latitudes. O que é que este documento acrescenta? Traça uma espécie de *identikit*?

Segundo os dois Conselheiros «o assistente/animador é realmente uma figura significativa e importante para o crescimento das crianças e dos jovens. Chiara deu-lhes o nome de “anjos da guarda”, que ajudam as crianças e os adolescentes a descobrir e desenvolver as próprias qualidades, os talentos e todo o positivo que possuem. O que é que o documento acrescenta? Um maior conhecimento e atenção, por parte dos responsáveis, na escolha dos assistentes e dos animadores, oferecendo-lhes um percurso formativo que permita aprofundar aspetos espirituais, psicológicos e as relativas responsabilidades jurídicas». E os responsáveis dos Centros gen3 e gen4 contam: «Chiara, durante a sua vida, deu um gran-



de impulso à formação das novas gerações. Em 2007 quis que fosse realizado um primeiro encontro internacional para todas as pessoas empenhadas nesta tarefa, desejando que “surgisse uma linha de formação adequada para cada faixa etária”. Para aquele encontro, os centros gen2, 3 e 4 tinham preparado algumas fichas com uma recolha de elementos úteis. Depois, continuou-se a aprofundar o património de Chiara, elaborando uma variedade de propostas formativas e completando-as com os conhecimentos em vários campos. Um outro passo deveria ser o de trabalhar junto com todas as realidades juvenis do Movimento, num modelo educativo iluminado pelo Ideal, para facilitar a orientação tanto dos assistentes como dos pais».

Vamos falar então do relacionamento assistentes-pais. Há a intenção de favorecer uma «aliança educativa» mais estreita?

«Como famílias - afirma Marina - sempre acreditamos na grande potencialidade do movimento gen na ótica de uma “aliança” que completa a tarefa educativa da família. Com este documento, temos a impressão de ter dado um salto em direção à sistematização. Aquilo que antes era deixado à boa vontade, à iniciativa de cada família ou do assistente, agora torna-se algo definido e isto ajuda os pais a tomar

consciência do próprio papel, que não pode e não deve delegar. Ao mesmo tempo, permite aos assistentes ter mais consciência do papel subsidiário em relação à tarefa da família e isto cria uma verdadeira aliança educativa, que tem o mesmo objetivo e valores comuns. Pudemos constatar tudo isso ao apresentar o documento às famílias. Depois, se os pais forem colocados ao corrente da programação e das atividades que se irão realizar, crescerá a confiança e a possibilidade de colaboração, que é muito necessária, uma vez que temos grupos de crianças que são seguidos em muitos pormenores. De facto, cada vez mais, temos entre as nossas famílias, pais que, conscientes disto, assumem também voluntariamente a tarefa de assistente gen3 ou gen4. Por fim, o pedido de certas autorizações aos pais (como o documento prevê) mostra que não se pode improvisar, que prestamos atenção a todos os aspetos, e isto é visto como um sinal de seriedade».

Acham que um dos efeitos deste documento vai ser um novo impulso para que seja a Obra, no seu conjunto, com Jesus no meio, a olhar para os mais pequenos?

Cristina: «Sim, um dos efeitos que esperamos é precisamente aquele de um maior envolvimento de todas as forças, que favorecerá aquele 'ser família' que Chiara nos deixou como testamento». E Corrado: «Para fazer bem as coisas é necessário que toda a Obra tenha consciente e esteja envolvida neste percurso. Concretamente nós assumimos juntos a res-

ponsabilidade da formação dos mais novos, não a colocamos nos ombros de uma pessoa».

«Já em 1966, Chiara dizia que só Jesus no meio poderia dar o Ideal às crianças – acrescenta Christiane. Isto tem duas vertentes importantes para nós: de um lado a vida com as crianças, num relacionamento de Jesus a Jesus, que ensina tanto aos pequenos como aos grandes. O outro aspeto é Jesus no meio com toda a Obra, que se deveria empenhar em ajudá-los a crescer. Se olharmos para o documento, vemos que este sublinha a importância de que estejam ao menos dois adultos com um grupo de crianças: será que esta exigência não corresponde à possibilidade de ter Jesus no meio, para que seja realmente Ele o educador? Nós, assistentes, gostávamos de saber como fazer para encontrar pessoas disponíveis – é sempre este o nosso problema -, mas também sabemos que devemos ter confiança de que será possível. Vamos precisar de tempo, porque não é fácil encontrar as pessoas. Mas também vemos que a colaboração com as famílias está a crescer, porque se elas sentem esta necessidade tornam-se mais disponíveis, abrem as suas casas e estão mais presentes. No fundo, a característica da nossa educação é o aspeto comunitário e por isso também o papel das comunidades locais se torna fundamental».

ao cuidado de Aurora Nicosia

As «Linhas de Ação do Movimento dos Focolares para a promoção do bem-estar e a tutela de menores» estão disponíveis em www.focolare.org



Gen3 LINK-UP Uma rede de amor

Em Trento, o Congresso internacional dos gen3. Da primeira comunidade para o mundo. Uma partilha profunda e a abertura para a cidade.



Foto di Jesse Van Dun

Há alguns anos, os gen3 estão a viver como itinerário formativo: «uma cidade não basta». Seguindo este programa neste verão, com o Campo de Férias Homem-mundo, que será realizado na Argentina, os e as gen3 (estão previstos 600 de todos os continentes), são chamados a «olhar para longe», para as cidades dos outros, para as outras pátrias.

O Congresso em Trento faz parte deste programa. A cidade de Chiara oferecia-nos a possibilidade de começar a partir da primeira Comunidade para depois olhar para o mundo.

A saudação da Emmaus sublinhou isto: «*O facto de vocês se encontrarem em Trento, parece-me uma coisa muito bonita porque foi ali que tudo nasceu, e vocês são uma geração que pode fazer tudo renascer. E renascemos do lugar onde tudo teve origem*».

Partir de Trento

Um dos objetivos do Congresso era fazer uma experiência de Comunidade local, para que, ao regressarem às próprias cidades, os gen3 pu-

dessem ser protagonistas desta vida, um coração pulsante da comunidade, com o empenho de procurar, descobrir aqueles que, na própria cidade ou bairro, vive a espiritualidade da unidade.

Quisemos começar dos desafios que os gen3 vivem no quotidiano. O primeiro dia dava espaço a cada gen3, para que, in-

dividualmente ou como unidade gen, se pudessem exprimir, sobre as dificuldades que encontram para seguir Jesus...

Este era o desejo dos gen3 das unidades de Trento, Itália Nordeste, Roma, Brasil e Espanha com as quais preparámos todo o programa.

Com a radicalidade do Evangelho

Ao ouvir as experiências, só podíamos ficar admirados.

«Precisamente na noite antes de partir para as férias, o meu pai voltou para casa embriagado e, na manhã seguinte, brigou com a minha mãe de modo violento. A minha mãe decidiu partir na mesma para as férias, deixando o meu pai em casa. Porém, quando chegamos à localidade do mar, sabendo como tínhamos deixado o meu pai, decidi apanhar o primeiro comboio e depois ainda com o autocarro cheguei à minha cidade. Queria mesmo falar com ele! Quando nos vimos, aproximei-me sem dizer nada, apenas sorri para ele e abracei-o. Chorámos juntos. Falei-lhe sobre o recomeçar e sobre o perdão. Juntos fomos ao

encontro do resto da família, a viagem foi uma ocasião para conversar mais profundamente com ele. Quando chegámos, os meus pais fizeram as pazes e vivemos dias de grande alegria».

Depois, Francesco contou a sua experiência com uma colega de classe, anoréxica, como procura ouvi-la e ajudá-la a sair da solidão...

Na sala há um silêncio sagrado.

Não há nenhum temor de falar sobre a pureza, de como é vivida, com heroísmo e fracassos. As parcerias entre as escolas, as viagens a países diferentes, o encontro com as raparigas, a dificuldade de não cair na tentação de aceitar o convite para ir ao seu quarto, as insistências dos colegas...

«Também eu passei por uma situação destas, conta o Alberto, 16 anos. Para mim é forte a experiência com os gen da minha Unidade, e chegou o momento de concretizar as minhas ideias. Acredito no amor verdadeiro? Por um instante, olho para a rapariga e digo não, decido falar com ela sobre a minha visão do amor; com muita surpresa, esta rapariga não me julga, ouve-me e começa a chorar.

No dia seguinte, no regresso para Itália, sinto uma grande alegria, as gargalhadas e a troça dos meus colegas de turma não me tocam... No fim, um deles abre-se comigo e diz-me que admira a minha escolha e força de vontade».

Nos momentos de diálogo não faltam as experiências sobre as dúvidas de fé...



O programa de todas as manhãs era confiado aos gen3 das Unidades arco-íris, que começavam o dia propondo eles mesmos a meditação.

Com muito diálogo e perguntas, às quais eram os próprios gen3, da sala, que respondiam.

Ouvindo-os, todos nós, assistentes, ficámos impressionados com a maturidade deles...

Há alguns anos estamos a definir o programa de formação gen3 em três faixas etárias, aquela presente neste congresso compreendia rapazes dos 15 aos 17 anos.

Deste modo foi possível aprofundar as temáticas escolhidas por eles.

Eram 30 os grupos-Unidades compostos, com um gen3 responsável. Com um interessante método de interação, à tarde, pôde-se falar de realidades vividas na adolescência, sobre as quais muitas vezes não se tem a oportunidade de falar com ninguém, a não ser procurando as respostas na internet.

O encontro com a cidade

Depois, houve toda a parte externa do Congresso: o encontro com a cidade.

Tínhamos sempre no coração as palavras da Emmaus: «*Nós temos como que um mandato de Chiara, que fez nascer o Movimento Gen3 no Movimento dos Focolares. E o mandato é reviver Maria que dá Jesus ao mundo. E eu penso que ninguém mais do que vocês sente a importância de caminhar pelas ruas de Trento, não para recordar alguma coisa do passado, mas com a atenção de levar para as ruas de Trento aquele mesmo Jesus que Chiara queria levar quando começou este*



Ideal. Portanto, aquele Jesus ressuscitado que vive entre nós pelo amor recíproco, entre vocês e os gen de Trento, entre vocês e as autoridades da cidade, entre vocês e todas as pessoas que encontrarem, que vão procurar ajudar também com as ações que fazem, mas que seja realmente este Jesus a viver hoje e que, sem dúvida dará uma grande alegria a Chiara, que vos vai ver do Paraíso».

Começámos com o presidente da câmara, primeiro na sede municipal e depois, sempre com ele, na praça.

Um encontro final nos lindíssimos jardins da casa episcopal, para o jantar com a comuni-



dade, e depois, às 20:30h, na Missa da Quinta-feira Santa.

Era impressionante ver na Catedral, entre as pessoas da cidade, um numeroso grupo de rapazes que participava nas funções, mas sobretudo vê-los levantarem-se para irem receber Jesus Eucaristia.

No lava-pés, 12 gen3 representaram os apóstolos a quem o Bispo lavou os pés.

Depois dos cumprimentos dos gen3 ao Bispo e os do Bispo aos gen3, ficamos surpresos com esta intenção entre as orações dos fiéis: «Onde há caridade e amor, aí está Deus»: que a experiência do Movimento dos Focolares, a Obra de Maria, principalmente nos seus jovens, difunda cada vez mais na Igreja e no mundo a espiritualidade, o estilo, a prática e a Economia de Comunhão, segundo os ideais de Chiara Lubich.



Foto di Jesse Van Dun x 4

A seguir, já pela noite dentro, testemunhos na noite, caminhámos pelas ruas da cidade para levar esta experiência de amor recíproco. Um *flashMob* na praça, músicas, animação e lanternas...

No dia seguinte, era Sexta-feira Santa, a meditação foi sobre Jesus Abandonado, o Homem-mundo.

À tarde, em vários grupos vivem-se momentos de diálogo com as pessoas da Comunidade. De que modo é que elas procuram ir ao encontro de Jesus que sofre?

Foram experiências muito marcantes, não só para os gen3.

O dia termina com um profundo «tu a tu» com Deus. Também foi muito importante ter dado a possibilidade de fazerem a confissão...

Um outro momento muito bonito de comunhão, foi quando falaram alguns dos 38 gen3, que vão passar este ano para os gen2.

Os gen2. Não podemos terminar sem falar do grande contributo deles. Estavam presentes também 14 gen2 da escola de Loppiano.

Cartamente também não faltaram os momentos de relax, de jogos, num parque de estacionamento que se transformava em campo de futebol e voleibol. Um passeio ao lago e nas montanhas...

A impressão de um assistente: a autenticidade dos gen3 é um tesouro precioso que temos na Obra.

Centro gen3

Semana Mundo Unido

A «coragem obstinada» pela fraternidade

Este ano o lançamento da Semana Mundo Unido (Smu) foi feito por um grande acontecimento em Nairobi, de 25 de abril a 5 de maio, ligado ao Projeto «Sharing with Africa», promovido pelos jovens para o mundo unido do continente africano



Equador

Desde 1996 a Smu tem, como protagonistas, os jovens do Movimento, com inúmeras iniciativas para incidir sobre a opinião pública dos mais de 180 países onde estão presentes e testemunham juntos que construir um mundo unido é possível. É uma proposta feita às cidades, às instituições, a todos, para promover a fraternidade e a paz a todos os níveis.

Esta décima oitava edição concentrou-se de modo particular no continente africano, onde os Jovens para o mundo unido, com o projeto «Sharing with Africa», querem propor a ideia de «Ubuntu», que se traduz em «eu existo porque nós existimos», um provérbio que está na base da cultura comunitária africana. Em Nairobi, estiveram presentes jovens vindos de 29 nações, das quais 12 africanas.



Nigéria

No âmbito do acontecimento, foi lançada a primeira edição do Atlas sobre a fraternidade universal, um relatório com 800 «fragmentos de fraternidade»: ações corajosas realizadas por pessoas da Obra que se difundem nas cidades, construindo pontes entre os homens, grupos e culturas, que abrem possibilidades de diálogo e indicam novos percursos.

O documento é o resultado do primeiro ano de trabalho do *United World Project*, lançado em 2012 no Genfest de Budapest, para promover o princípio-valor da fraternidade universal (www.unitedworldproject.org). Foi fruto da colaboração entre a Ong Internacional de Humanidade Nova (www.new-humanity.org) e o trabalho de uma comissão composta por jovens, especialistas, professores e estudantes do Instituto Universitário Sophia. Nesta primeira edição foram consideradas as boas ações promovidas no mundo, de setembro de 2012 a setembro de 2013.



Índia

E quais os próximos passos? Evidenciar os fragmentos de fraternidade, continuar esta recolha e trabalhar para obter o reconhecimento da Smu pelas instituições internacionais.

A Emmaus enviou uma mensagem na qual, entre outras coisas, dizia:

«Obrigada, caríssimos jovens pelo vosso empenho em prosseguir o objetivo do Mundo Unido. Obrigada pela coragem obstinada com que se dedicam a ele e que o lançamento do Atlas para a fraternidade universal documenta. Temos diante de nós, sem dúvida,

um campo de trabalho imane, mas trata-se do “sonho de um Deus”, como Chiara Lubich gostava de definir. *«isto é uma garantia. A fraternidade universal não é uma utopia, pelo contrário: se exige o caminho difícil da humanidade, tem também uma perspectiva irreprimível [...]».*

Contemporaneamente, de 1 a 11 de maio, a Smu floresceu em todas as partes do planeta.

Em **Mumbai (Índia)** por exemplo, com os



Portugal

meninos de um orfanato, voltaram a pintar os muros de um bairro, arruinados pelas monções e, com uma ong local, foram plantadas mais de 200 árvores. Em **Nova Iorque (Usa)** uma «Walkathon» no bairro de Harlem encorajou os jovens a abandonarem a vida da rua.

«Nós continuamos a amar» é o mote dos jovens de **Bangui (República do Centro Africa)** que partilharam com centenas de refugiados nos seus campos, não só alimentos e material escolar, mas experiências, músicas e pensamentos sobre a «arte de amar», remédio para as feridas profundas de quem perdeu tudo. Em **Abidjan (Costa de Marfim)**, fizeram uma reflexão sobre «Solidariedade, medida da coesão africana», um valor em risco de desaparecer e contactaram uma aldeia de leprosos, Marchoux, transmitindo-lhes a esperança. Em **Paris (França)** o tema «Bridging Culturas» debruçou-se sobre o objetivo e o projeto da Europa. Em **Portugal** mais de 1200 jovens acolheram o convite para «agarrar o mundo», enchendo a Cidadela Arco-íris. Em **Tagaytay (Filipinas)** as atividades tiveram um timbre desportivo; houve um concerto em **Ambatondrazaka (Madagáscar)** com um mi-



Itália

lhar de jovens. Como em cada ano, a **Cidadela de Loppiano (Itália)** transformou-se numa grande praça (#desorienta-nos, o tema) para dar visibilidade a uma Itália diferente com as iniciativas em curso sobre «a Legalidade, o Diálogo inter-religioso e a Imigração»: estavam presentes 2000 jovens.

Teve um significado muito especial a experiência na **Nigéria**, no dia seguinte à explosão das bombas na capital e do rapto das estudantes em Borno. Escrevem: «Tínhamos programado várias atividades com a comunidade, quer em Onitsha quer em Abuja e em Jos, mas, no dia a seguir à explosão da segunda bomba perguntamo-nos se era o caso de continuar. Em unanimidade, decidimos que agora mais do que nunca, era preciso viver pela paz e dar esperança! Assim, no dia 4 de maio, no Millenium Park de Abuja, 80 - muçulmanos e cristãos - juntos, viveram um dia centrado no tema “Acolhimento e fraternidade”. Um “stop” às 12 horas para o *Time Out* pela paz. Em Onitsha, fizemos um dia de trabalho num orfanato, outro com limpeza do ambiente, no mercado e um pequeno programa para convocar todos para a Jornada conclusiva, no Centro Mariapolis».

Ào cuidado da redação

Para saber mais: www.y4uw.org



Nairobi

Para a Assembleia

Empenhamo-nos por isto

No congresso das Unidades Arco-íris, 134 gen de todo o mundo elaboraram um documento que exprime os compromissos, as prioridades e as expectativas do Movimento gen2, para os próximos 6 anos. Com um método... interessante.

Um congresso que todos consideraram histórico, inserido nos dias do Tríduo pascal, com um empenho concreto no fim: apresentar à Assembleia, baseado nas 665 respostas ao questionário que foi mandado para as zonas. Com os Centros gen tínhamos lido as respostas, agrupando-as em 10 temáticas. Depois, no encontro fizemos 10 grupos de trabalho segundo os temas, e cada participante recebeu as respostas relativas à temática do próprio grupo com o objetivo de chegar a três propostas, para os próximos seis anos com, no máximo, 100 palavras (seis grupos eram em língua italiana, quatro em língua inglesa).

Na primeira plenária devíamos avaliar os conteúdos das propostas dos 10 grupos. Escolhemos o método da «aprovação». Cada gen tinha um cartãozinho azul (“estou de acordo, estamos a ir pela direção certa”) e um cor de laranja (“alto, não estamos na direção certa”).

Cada proposta ficava avaliada e se, aproximadamente 10% dos gen levantavam o car-

tãozinho alaranjado, dois deles podiam expor as próprias razões do desacordo. Todas as propostas – menos uma – apesar de várias modificações, foram votadas.

Nesta altura, durante a noite, a equipa da redação fez um primeiro esboço do documento que foi traduzida em inglês e distribuído a todos, antes da segunda sessão plenária, na qual já se deveriam aprovar parte por parte, e no final votar o documento completo. Cada parte era posta à votação como no dia anterior, mas as modificações que eventualmente fossem necessárias deviam ser aprovadas com o acordo de 2/3 dos presentes.

Na presença da Eli Folonari, da Silvana



Veronesi, da Bruna Tomasi, do Gusti Oggenfuss e de alguns dos Conselheiros do Centro da obra e do Conselho Geral, assistimos a um momento de certo modo especial. Alguns temas foram aprovados sem serem modificados, para outros foi necessário aprofundar certas partes ou modificá-las. Depois de quase três horas, o documento foi votado em unanimidade: «*Habemus documentum*», disse alguém. Podem imaginar a alegria da sala!

Mandámos à Emmaus o documento com os compromissos, as prioridades e as expectativas do movimento gen2 para os próximos seis anos. Um documento articulado, que pode ser consultado no site gen . O movimento Jovens por um mundo unido, os diálogos, a vida dos sete aspetos e os relacionamentos com o resto da Obra foram os grandes temas enfrentados: um chamamento e um forte empenho em ser radicais no viver juntos, com toda a Obra, para realizar o sonho de Jesus «Que todos sejam um». Dimensão local e abertura mundial, um olhar para a sociedade nas suas expressões económicas, políticas, sociais, culturais, a atenção à relação com Deus e com cada próximo que se encontra perto ou longe, comunicação usando todos os meios e o desejo de sabedoria. Transcrevemos brevemente uma parte final que diz respeito e envolve toda a Obra.

Centri Gen 2

1 gen2.focolare.org ou pedir nos focolares ou nos centros gen 2 (gen2m@focolare.org / centrogen2f@focolare.org)



O movimento gen2 e a Obra de Maria: relacionamentos e estruturas

A Obra é uma família que continuamente se deve renovar, no que diz respeito aos relacionamentos pessoais entre as diferentes gerações. Esta realidade é a raiz da sua estrutura. Para isto comprometemo-nos em:

- ouvir as necessidades concretas das pessoas nos diferentes lugares, adaptando as estruturas e evitando a rigidez das fórmulas;
- facilitar um conhecimento recíproco e mais profundo entre as várias vocações;
- participar mais em toda a vida da Obra e de modo particular quando se tomam decisões;
- tornarmo-nos responsáveis do movimento gen3 que é o nosso futuro, juntamente com os assistentes gen3, e procurar ter uma maior unidade e continuidade entre os Centros gen2 e Centros gen3.

Também toda a estrutura do movimento gen2 deve ser cada vez mais ao serviço desta experiência de comunhão. Por isso comprometemo-nos em:

- sublinhar uma responsabilidade igual de todos os gen - gen e gen em formação, inclusivé brancos e membros das Unidades Arco-íris - em levar para a frente o Movimento gen2 como protagonistas; é útil e necessário uma simples mudança de encargos e de serviços;
- oferecer às gen e aos gen em formação a possibilidade de viver uma autêntica experiência de unidade com todo o movimento gen2, desde o início do próprio percurso.

Pedimos aos focolarinos e aos Centros gen2 para que seja reforçada a comunhão e a nas gen e nos gen; e que os Centros gen2, expressão do movimento gen2 de todo o mundo, recolham, cada vez mais, o pensamento das gen e dos gen antes de cada decisão.



Em Loppiano Uma entrega: dar Deus

A poucos meses da Assembleia Geral e da abertura dos festejos para os 50 anos de vida de Loppiano, a visita da Emmaus e do Giancarlo à Cidadela (5-10 maio) assinalou uma importante etapa no percurso e na reflexão dos seus habitantes.



Emmaus com Stefano Fontolan e Joxepi Zubillaga no conselho da cidadela

Em seis anos, foi a quarta visita da Emmaus e do Giancarlo à Cidadela de Loppiano, uma ocasião preciosa para fazer um pequeno balanço sobre o caminho feito nestes primeiros seis anos depois da morte de Chiara e para, numa profunda comunhão, procurar as perspectivas de resposta aos desafios de hoje.

No programa houve dois momentos de encontro e diálogo com as escolas: o primeiro para conhecer as focolarinas e os focolarinos que participam do primeiro ano de formação, com a apresentação dos que chegaram recentemente;

o segundo, especialíssimo, com os participantes das 11 escolas permanentes que representam todas as realidades da Cidadela, com uma lição feita pela Emmaus e pelo Giancarlo, juntamente com Alberto Lo Presti (responsável pelo Centro Iginio Giordani). Em três momentos, traçaram uma ligação sapiencial entre o momento atual e o momento luminoso da fundação desta nova obra na Igreja, delineando os «designios» de quem lhe deu origem: Chiara, com o padre Foresi e o Foco.

O encontro com o Conselho da Cidadela, duas horas de diálogo rico e participado, foi um momento para «entregar» o trabalho feito nestes anos, interpretando as etapas em direção a uma realidade cada vez mais unida e integrada entre as várias componentes: escolas, focolares, ramos, universidade, pólo, santuário... A Emmaus sublinhou que é mesmo esta riqueza e diversidade que constitui a Mariápolis permanente, e faz com que seja única a experiência de testemunho que nela se pode experimentar: «*O que uma pessoa encontra numa Mariápolis não o encontra em 100 encontros especializados com temáticas espe-*

cíficas... a Mariápolis é algo de particular, porque é mesmo a expressão do povo de Chiara, a expressão da comunidade que Chiara quis fazer nascer, que acolhe e testemunha ao mesmo tempo».

Um momento particularmente forte, que marcou cada um, foi o de sublinhar o objetivo do testemunho: dar Deus.

Para além dos muitos contactos pessoais e informais, uma saudação à escola das e dos pré-voluntários dos continentes, a visita à Casa verde dos focolarinos reaberta após uma reestruturação recente, a visita à exposição sobre Chiara realizada para o meeting da jornada de 1 de maio «#Spiazzaci (surpreende-nos)». Na sexta-feira à tarde, último dia da estadia na Cidadela, fez-se um momento de festa e de notícias com todos os habitantes: um realce especial foi dado ao recente encontro, que viu os jovens empenhados em primeira fila, não só na construção do programa, mas também na gestão de todos os aspetos organizativos e logísticos através de uma rede de relacionamentos construída com todas as Zonas italianas.

Os gen puderam contar a experiência do último período, quando se tratou de trabalhar dia após dia na cenografia, nos stands da expo, mas sobretudo na decoração da exposição interativa «Silvia Lubich, um sim que a tornou Chiara», estudada para fazer experimentar um encontro direto, intenso e pessoal com Chiara.

Como conclusão do encontro, o Giancarlo disse: *«Creio que nunca vivemos um momento tão "em direto", tão "quente" com o envolvimento de cada um de vocês... Sente-se a Cidadela que pulsa, que vive momentos de suspensão, de procura, e nisto readquire uma vitalidade impensável, nova...».*

E a Emmaus, tocada de maneira especial pelos gen4 de todos os continen-

tes, que cantaram e mimaram com vivacidade e harmonia comoventes, concluiu dizendo que a uma certa altura pareceu-lhe até ver Jesus fisicamente ali no palco, presente entre eles, e, referindo-se à experiência na praça que se quis construir com os jovens no 1 de maio, acrescentou: *«Jesus não é uma fantasia, é uma realidade... assim deveria ser a vida da comunidade local: uma praça, um local de comunhão, um local de intercâmbio, de alegria, de preocupação, às vezes... mas um local onde nos podemos encontrar com Jesus... (...) É esta a vida da Mariápolis: não é a aula, o trabalho, o acolhimento dos grupos, que no entanto são necessários, mas é este entrelaçar de amor recíproco entre todos que permite a Jesus viver entre nós».*

Deixemos que sejam as palavras da Emmaus a concluir esta visita: *«Partimos desta Cidadela com a impressão forte de ter caminhado com Jesus e com o desejo de que esta vida se consolide cada vez mais, que se torne cada vez mais constante, cada vez mais deslumbrante, apesar dos problemas e das dificuldades, porque Jesus caminhou no meio de problemas e dificuldades, quando estava na Terra, não caminhou na Glória, mas era Jesus, era Deus. Com esta segurança e com esta esperança, vimo-Lo, por isso estava... cada um de nós pôe-se diante dele para fazer a sua parte, que é o amor recíproco, para que Ele esteja sempre connosco. E porque está, estará sempre porque Ele quer estar aqui!».*

Joxepi Zubillaga, Stefano Fontolan

A «lição» sobre os «designios» de Chiara, Pe. Foresi e Foco



Diálogo com as pessoas sem referências religiosas

Viagem ao Uruguai, à Argentina e a Cuba

Uma viagem à América Latina leva consigo, antes de mais, o mandado de Chiara de 1998 a Buenos Aires: «Diálogo a 360°» como caminho para o «Que todos sejam um»



Para os membros internos do Movimento foi perceber a importância de «sair» mais para trabalhar com cada pessoa de boa vontade.

Argentina

Na Argentina a fé católica possui um *status* privilegiado relativamente a outras denominações cristãs. A percentagem dos católicos é de 78%, dos quais – segundo um estudo de 2001– 35% raramente frequenta a

Uruguai

Neste país, de cultura predominantemente leiga, influenciada pelo iluminismo francês e pela maçonaria, o Natal chama-se oficialmente «Festa da família», a Páscoa «semana do turismo» e a festa da Imaculada «a Festa das praias». Mais de 40% da população não adere a nenhuma religião, 54% são cristãos (45% católi-cos), 0,6% são hebreus ou animistas.

Foi muito especial o encontro com os amigos sem referências religiosas, entre os quais estava um político *maçon*, uma bailarina famosa, um escritor e uma filósofa, que apresentaram a cultura uruguaiana com os seus valores e os seus lados negativos. O que impressionava era o alto perfil humano que estas pes-soas tinham. Criou-se uma atmosfera densa de conteúdo, seguida por um longo diálogo. Expus o diálogo entre pessoas de diferentes convicções na Obra, tal como foi visto por Chiara, sublinhando a essencialidade da presença delas no Movimento para trabalhar juntos na promoção do bem no mundo.



Igreja. Estão em aumento as Igrejas evangélicas que atingiram os 10% da população, em 2005, enquanto que 1,5% são muçulmanos, 1% hebreus e 16% são agnósticos e ateus.

Em Buenos Aires houve o encontro com o grupo dos «amigos» intelectuais, muito ativos, que regularmente se reúnem num cine fórum em que participam de 20 a 60 pessoas de todas as idades. Elaboraram um documento com as solicitações que desejam que sejam tomadas em

consideração pelo Movimento, sobretudo no que respeita à forma de expressão, por vezes demasiado auto-referencial.

No encontro com a comunidade, em que estavam presentes vários gen2, «sonhamos» fazer, um dia, um encontro para jovens universitários que não se interessam pela religião.

Na Mariápolis Lia, para além dos focolarinos, das focolarinas, encontrei-me com os membros internos as gen e os gen das escolas (cerca de noventa) estabelecendo um diálogo sobre a atual problemática de um mundo cada vez mais globalizado e diversificado na fé e no pensamento.

Cuba

A República de Cuba é um Estado leigo; o ateísmo de Estado foi abolido em 1992. A percentagem dos batizados católicos é bastante elevada mas o número dos praticantes é baixo. É muito difundida a santaria (religiosidade que resulta do sincretismo entre as religiões africanas e o culto católico dos santos); os agnósticos e ateus são 30%. A população cubana é composta por 70% de brancos descendentes dos colonizadores espanhóis e 30% de mestiços e afro-cubanos.

Tive um encontro com um importante expoente da cultura cubana, cantora e atriz, ex-conselheira do Fidel Castro no âmbito da cultura, que abriu as portas para se realizar a tournée do Gen Rosso, na ilha caraíba. Falou-me sobre a sua visão da vida, do seu empenho com os jovens aos quais, como professora, quer transmitir valores através da beleza. Confiou-me a sua incapacidade de acreditar, mas a fé que tem na alma humana. Pude comunicar-lhe uma resposta de Chiara dada em Montet no ano 2001. Impressionou-a profundamente este modo de ver de Chiara, que põe em evidência o humano ao lado do espiritual.

Em Havana encontrei um grupo de



Cuba

«amigos», de jovens crentes e não crentes, com a comunidade.

É impressionante a pobreza na capital – antigamente estupenda, voltada para o oceano, com os seus palácios senhoriais de estilo espanhol –, mas o que impressiona ainda mais é a dignidade com que vivem as pessoas do Movimento numa situação mais que precária, lançados a devolver a esperança, revitalizando os valores humanos, partilhando os poucos bens que têm.

Estavam agradecidos pelas experiências que pude contar do Leste da Europa, onde pudemos amar todos indistintamente e onde precisamente este amor por cada próximo fez com que o Ideal se difundisse como uma mancha de óleo sanando feridas, anulando as desconfianças. Consideraram-nas úteis para as comunidades que se encontram em situações parecidas às que se viveram, algumas dezenas de anos atrás, nos países do ex-bloco comunista.

Vida Rus





Shomali e Mahnaz

Grandes Religiões

Em Qom, coração do Islão xiita

Uma semana no Irão

Shomali.

Nas nossas apresentações, após um momento de introdução sobre a Igreja e a sua relação com as religiões, a história de Chiara e alguns acentos à espiritualidade, o diálogo interreligioso do Movimento e a formação em Loppiano, seguiram-se momentos de diálogo que mostraram a profundidade com a qual tínhamos sido acolhidas.

Encontrámo-nos, em três ocasiões, com estudantes doutorandos do IIS. Com eles foi-se em profundidade. Shomali deu um grande testemunho dizendo ter constatado, por mais de 10 anos, que o espírito do Movimento se encontra com a mesma intensidade quer no Centro, quer nos países longínquos, e que o espírito e a estrutura caminham juntos.

No seminário feminino, onde estudam doze mil mulheres, pudemos ter um encontro com um grupo de estudantes da faculdade internacional, e demo-nos conta de como tinha sido forte a experiência para as 12 mulheres que nos tinham vindo visitar em 2013. Têm um grande amor por Chiara que, diziam algumas, sentem como «muçulmana».

Por convite do prof. Mohammad Shomali e sua mulher Mahnaz que nos tinham conhecido nos anos 90 em Inglaterra, encontrámo-nos em abril – Roberto Catalano, Paul Lemarie e Christina Lee do Centro para o diálogo inter-religioso, com Stefania Tanesini de Loppiano – no Irão durante uma semana.

Encontrámo-nos imersos num mundo profundamente espiritual na cidade santa de Qom que acolhe uma centena entre seminários e centros de formação teológica corânica com um número de estudantes que vai de 40 a 60 mil. Mas a espiritualidade, que aqui se conjuga ao conhecimento e à religião, tem também pontos firmes, como o santuário de Lady Masumeh (=imaculada), excepcionalmente solteira, filha de um dos doze imam do Islão xiita, aqui sepultada. Ao redor da sua sepultura desenvolveu-se a cidade. Estimam-se cerca de 15 milhões os peregrinos que a visitam todos os anos. Misturados entre milhares de peregrinos, distintamente homens e mulheres, pudemos visitar várias partes do complexo e a sua sepultura. Foi uma experiência espiritual única, que nos permitiu ter contactos diretos com a grande fé dos xiitas e a sua devoção a esta «santa».

O programa, com contactos culturais e académicos, foi preparado com cuidado pelo prof. Shomali e pela Mahnaz. Introduziram-nos em alguns pontos-chaves de Qom: o Instituto Internacional dos Estudos Islâmicos (IIS, dirigido por Shomali), a Universidade de Qom, a Universidade das Religiões e Denominações, e o Jami'at al-Zahra (seminário islâmico para as mulheres). Portanto, relações cordiais, sinceras e profundamente espirituais. Reencontrámos muitos daqueles que, nestes anos, têm visitado o nosso centro acompanhados por

No Santuário de Lady Masumeh



Com os jovens da Rissho Kosei-Kai

O mundo unido já não é uma utopia

«Pensa globalmente, trabalha localmente» o empenho dos jovens na conclusão do simpósio entre jovens budistas e cristãos, realizado pela primeira vez no Japão

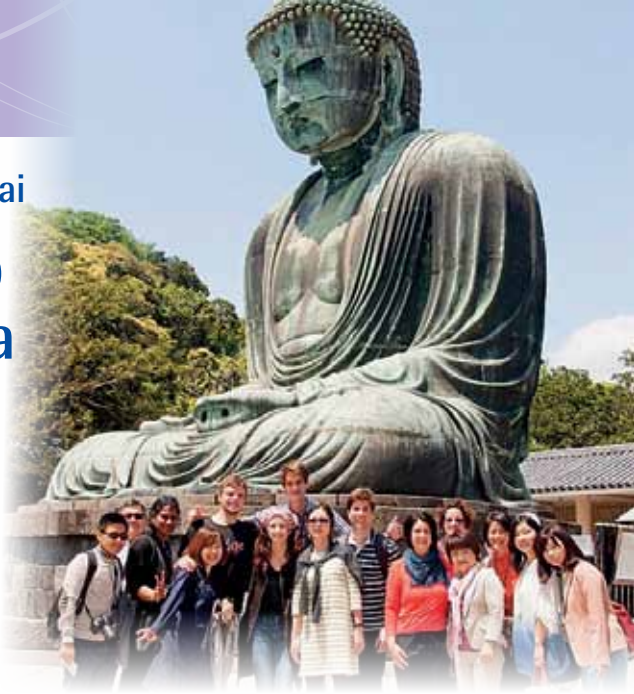
«Levo para casa os sorrisos, o intercâmbio, as palavras, mas sobretudo esta força que nasce do facto de que, mesmo se somos diferentes, somos muitos e podemos ser uma única família em todo o mundo. O mundo unido já não é uma utopia, mas é uma realidade porque já o estamos a viver», uma das muitas impressões dos gen que participaram no sétimo «Simpósio dos jovens budistas e cristãos da Rissho Kosei-Kai (RKK) e do Movimento dos Focolares» nos dias 3 e 4 de maio em Tóquio sobre o tema: «Conservemos a nossa fé na vida quotidiana e transmitamo-la com alegria».

Vário e dinâmico o programa, com momentos de partilha e *workshops* sobre: amor, paz, problemáticas juvenis, projetos concretos para realizar a fraternidade. Foi aqui que nasceu um mote: «*Think globally, work locally*»-

São caminhos que se estão a abrir para um futuro de diálogo profundo e vantajoso.

O amor atento, constante e fraterno, que nos acompanhou constantemente, permitiu-nos encontrar um povo tão pouco conhecido na Europa. No último encontro no IIS, estava presente o presidente de todos os seminários de Qom, que nos deu a sua bênção encorajando-nos a levar para a frente este diálogo.

Ao cuidado do Centro para o diálogo interreligioso



«Pensa globalmente, trabalha localmente».

Os jovens partilharam cada momento do dia, experimentando e recolhendo a herança de profunda comunhão transmitida por Chiara Lubich e Nikkyo Niwano. A troca de bens espirituais pôs em luz a profunda semelhança na radicalidade das escolhas e a fidelidade aos carismas de cada um. «Senti fortemente que o desejo de unidade de Chiara e Nikkyo Niwano chegou até nós – afirmou Suichi, da RKK. Também eu me quero comprometer em primeira pessoa. A alegria da fé era o tema deste Simpósio, de vós aprendi o significado disso». Belíssimo o dia vivido com a nossa comunidade em Tóquio. Voluntários e voluntárias, famílias, gen3 e gen4 receberam os jovens da RKK que no fim disseram: «encontrámos uma família!».

Depois desta experiência, os e as gen escreveram à Emmaus: «Temos o coração cheio de gratidão a Chiara, a quem eles amam muitíssimo e que, sem dúvida, nos guiou nestes dias, e uma grande paixão pelo diálogo interreligioso, que descobrimos ser um caminho importantíssimo na nossa corrida para o Mundo Unido».

Anna Maria Rossi, Ramiro Herrera Solano

Prémio Europeu de St. Ulrich a "Juntos pela Europa"

A motivação

No dia 3 de maio a Comissão de organização do "Juntos pela Europa", que representa 300 Movimentos e Comunidades cristãs, recebeu o prestigioso Prémio Europeu.

«Conscientes da rica história cultural e milenária da nossa região da Baviera, a província e a cidade de Dillingen ao longo do Danúbio instituíram a "Fundação Europeia de St. Ulrich".

A província e a cidade de Dillingen ao longo do Danúbio, pátria de St. Ulrich desejam, com esta Fundação, dar um incentivo à unidade europeia no espírito cristão.



O presidente da Fundação Europeia St. Ulrich, Landrat Leo Schrell com Eli Folanari da Comissão Orientadora.

A partir de 1993 - um milénio da canonização do bispo de St. Ulrich, grande figura de relevo para a Alemanha e para a Europa - o Prémio Europeu de St. Ulrich é atribuído regularmente a iniciativas ou Instituições que se distinguiram por méritos extraordinários no âmbito da unidade europeia no campo político, eclesial, científico, cultural, económico e social.

"Construir uma Europa Cristã" é tarefa de todos aqueles que, na base da herança cultural



A entrega do Prémio

e artística e dos valores fundamentais, querem colaborar no futuro da nossa história. Grandes testemunhas da fé da nossa pátria, como o bispo Ulrich, Alberto Magno, Margarete Ebner, Pietro Canisio, Johann Michael Sailer, Johann Ev. Wagner e Dominikus Ringeisen deram-nos grandes exemplos.

O empenho da rede internacional *Juntos pela Europa* é guiado pela visão da unidade na diversidade reconciliada. Os Movimentos e as Comunidades cristãs que aderem não querem nivelar as identidades de confissões ou nacionalidades, mas sim empenhar-se em proteger e a promover o tesouro da herança cristã na Europa. Constroem pontes na Europa realizando passos de reconciliação e construindo amizades para além das várias fronteiras. Nasceu assim uma corrente de esperança inspirada no Evangelho que envolve homens e mulheres que se empenham pela nossa sociedade. Reconhecendo os méritos extraordinários, a Fundação europeia de St. Ulrich atribui o Prémio Europeu de St. Ulrich 2014 à rede Juntos pela Europa da qual fazem parte 300 Movimentos e Comunidades cristãs».

Para mais informações
www.together4europe.org

Do Egito

Uma Páscoa muito diferente!

Os gen do Egito empenhados em aliviar a difícil situação dos refugiados que foram impedidos de chegar à costa da Líbia, para fugirem para a Europa

Há um ano que estou no serviço militar. Duas semanas antes da Páscoa chegaram à minha caserna 180 pessoas provenientes da Eritreia, Etiópia, Somália e Sudão. Eram na sua maioria jovens cristãos, dos quais algumas crianças com idades dos dez aos quatro anos.

Saíram dos seus países em condições muito difíceis, fizeram uma longa viagem com a esperança de chegarem à costa da Líbia e enfrentar a travessia num pequeno bote de borracha até à Europa... em busca de um futuro melhor.

Clandestinos, foram apanhados na fronteira do Egito sem documentos válidos e ficaram detidos na minha caserna. Fiquei chocado com as condições de higiene em que deviam viver, tendo unicamente um pedaço de pão para o pequeno almoço, almoço e jantar e por vezes um prato de arroz. E, apesar disso, apercebi-me que, por ser Quaresma, faziam jejum!

Senti que Jesus me interpelava a amá-Lo concretamente Abandonado. Estes irmãos tão sofrendores e privados de tudo, que viviam

numa condição subumana, lembravam-me aquela cruz que gostaria de beijar na celebração da Sexta feira Santa. Falei com os gen da minha cidade e envolvi todos os meus amigos numa recolha de dinheiro, remédios, alimentos, para lhes poder oferecer uma festa digna no domingo de Páscoa.

Pusemo-nos ao trabalho e em pouco tempo conseguimos preparar-lhes um almoço de festa com carne, fruta, legumes... coisas que não comiam há muito tempo. O meu pai também se sentiu envolvido e ofereceu-se para me levar de carro transportando tudo o que tínhamos preparado. Mas na caserna, só eu é que podia entrar.

É impossível descrever a alegria deles quando me viram entrar... especialmente aquela criança de quatro anos que, por causa da difícil condição de higiene e alimentação, estava já muito doente. Conseguimos encontrar os remédios de que precisava.

Na noite da vigília de Páscoa, enquanto todos se dirigiam para a Igreja bem vestidos, eu fui para a caserna, cansado e transpirado mas felicíssimo. Sentia que era expressão de um corpo, de uma família muito grande, porque tínhamos acolhido este Jesus sofredor e crucificado. Foi a minha Missa da Páscoa ... uma Páscoa muito diferente de todas as outras e que dificilmente poderei esquecer.

M.A.



No Equador Protagonistas as comunidades locais



Uma «Mariápolis Escola» no Equador com 243 internos da Obra das Comunidades locais da Zona andina

A ideia desta Mariápolis (de 18 a 20 de abril) surgiu da necessidade que se sentia de partir juntos com todas as comunidades locais nesta nova realidade da Obra na Zona andina.

O programa - preparado via skype com os responsáveis das comunidades e os «brancos» gen da zoneta - estava centrado sobre a vida das comunidades: cada uma apresentando as próprias características, os pontos fortes, os desafios e os limites. Muito forte a experiência da comunidade de Guayaquil depois do encerramento do focolar em janeiro passado. Gente convicta de que a Obra são eles, decididos a levá-la para a frente e a fazê-la crescer com toda a responsabilidade.

A comunidade vive pelo

Evangelho vivido na Igreja local, no mundo das famílias, na educação dos jovens através de obras sociais. Era bonito saborear a unidade na diversidade que caracteriza os nossos povos.

É impossível não recordar a resposta da Emmaus em 2012 sobre o «continente azul», durante a viagem à América latina: toda esta diversidade de cores e de culturas fizeram-nos compreender a dádiva de dialogar entre nós, com o Peru e Bolívia, para dar o nosso específico contributo à Obra inteira.

Numerosa a participação de jovens, adolescentes e crianças.

Parece-nos que esta Mariápolis foi um ponto de partida para caminhar com novas perspectivas, ofereceu espaços de comunicação fecunda entre to-



dos e a possibilidade de um conhecimento recíproco também com a Lidia Erbetta e Walter Cerchiaro, os novos responsáveis de Zona.

Uma voluntária: Renasce a fé de continuar no Pacto a viver para a humanidade». Um voluntário: «Deus quer sempre mais qualquer coisa de mim» resume a intenção que levo dentro, pronto aos novos desafios que Deus me sugerir». Um rapaz: «Pensei como é que a minha mãe iria poder sustentar a nossa família formada por ela e três filhos. Aqui vi a família da Obra, foram vocês, ao lado dela, a fazer-nos crescer, não só com ajuda económica mas de um modo particular com o amor». Uma gen: «A minha realidade familiar é difícil, senti fortemente o impulso a perdoar os meus pais e também a mim mesma, para recomeçar com mais força a viver o amor que Chiara nos deixou».

Os focolarinos e as focolarinas do Equador



Em Trento Escolas para a paz

Um evento no 70º aniversário do bombardeamento sobre a cidade, durante a segunda guerra mundial. Uma data conhecida no Movimento como «noite de estrelas e lágrimas».

No passado 13 de maio vivemos a décima primeira edição do evento «Trento cidade da paz».

Em maio, todas as escolas da cidade se encontram para contarem como é que, durante o ano, se procurou viver as frases do «dado do amor» e como é que se conseguiu ser «atores de paz».

No 70º aniversário do bombardeamento – para nós «estrelas e lágrimas» – a cidade foi invadida por «uma onda de paz». Assim comentaram algumas crianças: «Há setenta anos, o bombardeamento com os desmoronamentos, hoje o bombardeamento dos atos de amor!».

Éramos 2500 na Praça Duomo, de 23 Institutos escolares diferentes: alunos, estudantes, professores, pais, avós, representantes das instituições, o Presidente da Câmara, Andreatta, os assessores, num esplêndido dia de sol, todos em festa, entusiasmados e convictos de que «a paz começa por mim». O Presidente da Câmara, muito comovido, participou entusiasmado, permanecendo connosco o tempo todo.

Significativo o subtítulo na primeira página, do jornal *Trentino* de hoje: «Que linda injeção de esperança, ver milhares de crianças vestidas com bonés e camisolas de todas as cores, formar quase um arco-íris animado e gritar em uníssono “paz!”, enquanto o quotidiano *L'Adige* escreve o título: «A praça invadida pelos portadores de paz!» com muitas fotografias. O



noticiário televisivo regional, a Tv e a rádio local deram ampla cobertura à manifestação.

A cidade foi plenamente envolvida neste encontro anual, sempre muito esperado, também pelos milhares de bilhetinhos com mensagens e atos de amor distribuídos aos transeuntes, aos comerciantes... além de centenas de desenhos das crianças que coloriam a rua principal do centro histórico.

A festa da paz é a conclusão de percursos anuais de educação aos valores que se ensinam nas escolas e que são partilhados nos encontros mensais de «*Tavolo Tuttopace (Mesa da paz)*» que atualmente junta uma centena de professores, dos vários níveis escolares.

Comovente o *Time-out* que recolheu num silêncio profundo a praça inteira.

Uma vez mais atónitos diante daquilo que Jesus no meio opera, continuamos a viver cada palavra de Chiara, para levar o seu coração a cada um na sua-nossa esplêndida cidade.

Um grupo de professores



Mundo Sacerdotal

Para uma nova sementeira

Uma pequena escola para sacerdotes de vários países da Ásia, realizada nas Filipinas



«Nesta escola aprendi a viver concretamente», foi talvez o comentário mais frequente nas impressões finais da «escola» para sacerdotes, que se realizou na Cidadela de Tagaytay, de 29 de abril a 8 de maio. Quanto a outras experiências vividas em conjunto (África, Brasil, Líbano, Coreia) parece-nos que temos de dizer um grande obrigado pelas surpresas que o Espírito Santo nunca deixa que faltem.

Começando pelo número de participantes e respetiva proveniência: mais de 30 filipinos, 3 indianos, 4 paquistaneses, 6 tailandeses e 2 indonésios, na sua maioria jovens. Vir de países e culturas assim tão diferentes deu ao encontro um toque especial e teve um efeito reciprocamente motivador, que culminou numa experiência de família e de unidade rica de vida e de alegria.

Veio em relevo muita vida que fazia com que todos se sentissem envolvidos numa grande e fascinante aventura. «Nesta escola não havia apenas discípulos», comentou um dos participantes.

Além disso, envolvidos pelo amor e pela vida da Cidadela e enriquecidos pela presença e pelos discursos dos responsáveis de Zona das Filipinas, foi vivida uma experiência "de Obra".

De salientar também a graça das comunidades locais que multiplicam o «focolar» em todos os lugares. Neste contexto vital pôde-se contemplar a relação entre Maria e a Obra, descobrindo-a como uma realidade que tem muito para dar à Igreja, na qual floresce um sacerdócio «mariano».

Esta realidade Obra-Igreja tornou-se especialmente interessante durante a visita à Paróquia de Moonwalk de Manila, que está confiada à Obra há mais de 35 anos e que tem uma comunidade de leigos muito viva, pertencentes a várias expressões, mas sempre impregnada do espírito de comunhão. Um exemplo que sensibilizou muito e fez nascer a vontade de irradiar o Ideal nas paróquias.

Foi grande o entusiasmo em tornar mais frequente e concreta a vida de unidade entre os sacerdotes mais empenhados e geograficamente vizinhos. Ao mesmo tempo, crescia espontaneamente o desejo de voltar a contactar com aqueles que há alguns anos tinham conhecido a Obra, voltando-se para os seminários. Esta «escola» sintetizou o trabalho de dezenas de anos, fazendo experimentar o ardor e a luz das origens e partir de novo para uma sementeira vindoura.

Com a decisão inabalável de ir em frente como protagonistas na Zona de cada um, juntamente com a Obra, agendámos novo encontro - no máximo - para daqui a dois anos.

Pe. Hubertus Blaumeiser e Pe. Tonino Gandolfo



Leituras para o verão

O que leio nas férias? Que livros devo levar na minha bagagem? Estas são perguntas que fazemos antes das tão desejadas férias de verão. Agora é a altura certa para pensar nisso. Quer tenhamos programado uma viagem, quer fiquemos na cidade, um livro não pode faltar. Certamente um livro que proporcione uma leitura agradável, mas também que nos enriqueça. Neste sentido há algumas novidades editoriais da Città Nuova (Cidade Nova italiana). Livros para meditar ou formativos, escritos numa linguagem requintada, com uma boa narrativa. Para adultos e jovens.

É o caso do último livro de Michele Genisio: **Quando florescem as romãzeiras. O amor nos tempos da Bíblia.** Porquê a romãzeira? O seu fruto, explica o Autor, «evoca abundância, paixão, riqueza, fecundidade, alegria: é o símbolo do amor. Do amor humano e do amor divino». Assim, na Introdução, Genisio precisa: «O amor é loucura mas é a mais sábia das loucuras», segundo Shakespeare. [...] E a Bíblia fala muito de amor. Do amor entre homem e mulher, e do amor divino. Às vezes usa um como termo de comparação para o outro. Porque, sabemos, a Bíblia não gosta das coisas abstratas». Adão

e Eva, Abraão e Sara, Isac e Rebeca, Sansão e Dalila, David e Betzabea, Rut e Booz... O livro é uma galeria de histórias de amor e de casais do Antigo Testamento, célebres e menos célebres. Um texto agradável, que se lê de enfiada.

Com **As máximas de apa Pafnuzio**, o pe. Fabio Ciardi acompanha-nos até ao deserto. Lugar de solidão, de silêncio, de paz. Longe do frenesim da vida quotidiana de hoje. Os padres do deserto escolheram viver assim, eremitas que viveram no século IV d.C na Palestina, no Egito e na Síria. Testemunhos de uma fé cristã vivida na simplicidade e radicalidade, deixaram-nos breves escritos, as «máximas». Breves textos cheios de sabedoria divina e humana. O pe. Ciardi propõe-nos as meditações de um destes, um imaginário apa (padre) Pafnuzio. Embora numa dimensão de vida totalmente diferente da nossa, apa Pafnuzio revelou-se muitíssimo próximo de nós e da nossa sensibilidade. Vive os mesmos medos que nós, os seus pensamentos são os nossos, as suas fragilidades são as do homem de hoje.

E para os

jovens? O que propomos para lerem durante o verão? Uma leitura certamente mais «contemporânea»: **pelos outros. A história de madre Teresa** de Michele Gualano. O Autor imagina que é a pequena mulher do sari branco bordado a azul quem conta a própria vida. «Servir os pobres não é um dever mas um privilégio, Jesus disse-o de forma clara: "O que fizerem ao último dos meus irmãos, fazem-no a mim"». É assim que madre Teresa de Calcutá explica a sua vocação ao lado dos necessitados. Uma escolha forte que a levou a tornar-se um gigante da caridade do nosso tempo. Um exemplo concreto e positivo daquele convite que o Papa Francisco dirige a todos nós: ir ter com os últimos, os mais pobres, os mais fracos.

Elena Cardinali



*Telegramas da Emmaus
sobre Marisa Riva e Susana
Urioste de Mendez*

Marisa Riva

«E nós acreditámos no Amor»



Marisa, focolarina da Mariápolis Romana, partiu para o Céu no dia 22 de maio, às 12 horas, precisamente no momento em que se rezava o time out para obter o dom da paz. Marisa não faltava nunca a este compromisso.

Foi uma «pioneira» do nosso Movimento em muitos países, tais como a Argentina, Chile, Uruguai e Paraguai onde transmitiu a muitas pessoas a luz do Ideal da unidade. As cartas, os telefonemas e as mensagens que chegaram nestes dias de muitas partes do mundo confirmam isso mesmo.

Sigamos juntos algumas etapas do fio de ouro do amor de Deus na sua vida.

Marisa nasceu em Milão em 1928, numa família muito unida. Na juventude viveu o drama e as privações da guerra que contribuíram para o seu temperamento firme e determinado.

Contava muitas vezes: *«...o meu pai perdeu o trabalho e por isso eu, que era a mais velha, tive de deixar de estudar e ir trabalhar para sustentar a família... A guerra deixou-me na alma um desejo de coisas novas, de um mundo diferente... mas estava desiludida com a vida, como se não encontrasse o amor...»*.

Em 1951, conheceu as primeiras focolarinas de Milão. Ao ouvir as experiências do Evangelho, na vida de todos os dias, descobriu uma medida nova do amor. Contava: *«Assim comecei a amar, em casa e no escritório: sempre que o telefone tocava; "era Jesus!". Foi-me confiada a contabilidade de uma empresa... um dia chegou um cliente e eu estava a fazer contas, senti a sua presença mas não ergui os olhos. A uma certa*

altura este senhor disse-me: "Menina, o que tem hoje? Está preocupada?". E então percebi imediatamente que não era o cliente, mas sim Jesus que me chamava a fazer a minha parte».

O seu primeiro encontro com Chiara, em Trento, foi fulgurante e muito importante. Dizia: *«... Recordo-me que ela olhou para mim, eu olhei para ela e senti dentro de mim: quero ser como tu, quero seguir-te».*

Depois de ter passado um período no focolar de Milão e noutros focolares da Itália, em 1963, partiu para a América Latina. Seguiram-se anos de sementeira, de sofrimentos, de alegrias, de desenvolvimento da Obra. Em 1964, durante uma viagem de Chiara à Argentina, recebeu diretamente de Chiara esta Palavra de vida, do Cântico dos Cânticos: *«Quem é essa que sobe do deserto encostada ao seu amado»* (Ct 8,5), isto é, a Jesus Abandonado. Palavra que a sustentou durante toda a vida.

Naquela altura escreveu a Chiara: *«Parece-me que, antes da tua vinda, eu só pensava em Maria Desolada, mas não a vivia, era como se estivesse fora de mim. Agora tu construístes-a dentro de mim, fizeste com que eu a vivesse e encontrei-me na alma da unidade contigo, na sua realidade mais verdadeira porque é construída por Maria».* E ainda: *«...verdadeiramente desde quando tu estiveste cá e por todos as dádivas que Jesus nos dá, o oceano já não existe».*

Em 1977, a Marisa voltou para Itália e trabalhou na Secretaria de Chiara durante 16 anos. Em 1993, foi para Beirute para seguir a vida

do Movimento no Médio Oriente, na Cidadela «Ain Aar» = «A Nascente», que começava a ser construída. Depois foi Conselheira de toda esta Grande Zona, missão que cumpriu até 2008, com muita generosidade.

Parece-nos que a frase: «*E nós acreditámos no Amor*» define a personalidade da Marisa. Ela testemunhou-a sempre com tenacidade, dignidade, paciência e alegria, especialmente neste longo período de doença. No focolar estava presentíssima e era um ponto luminoso de

unidade. Ao seu temperamento determinado opunha-se uma grande humildade. Sabia pedir desculpa e recomeçar com um amor e ardor sempre novos.

Viveu até ao fim oferecendo e rezando por todos e participando intensamente nos dramas da humanidade.

Pensamos que agora ela está ao lado de Chiara para sempre. Agradecemos à Marisa por tudo quanto fez pela Obra, rezamos por ela e pedimos pelos seus familiares.

Susana Urioste de Mendez

Fidelidade e doação

A Susana, uma focolarina casada de Rosário (Argentina), chegou à casa do Pai, no dia 16 de abril. Nasceu no Uruguai, em 1940, numa família abastada e numerosa. Aos vinte e cinco anos casou-se com Juan e nasceram cinco filhos: Juan Antonio, Lía, Sofia, Federico e Andrés. Com o marido, voluntário, conheceram o Ideal em 1965 e em 1985 mudaram-se para a Argentina por motivos de trabalho. Inseriram-se logo na comunidade da Obra deste país e, durante anos, fizeram parte da secretaria de zona de Famílias Novas, tendo viajado para muitas cidades para levar o Ideal. Seguiram também as adoções à distância com dedicação, paixão e respeito por todas as crianças e respetivas famílias.

A Susana viveu com coragem a perda do filho Andrés, pouco tempo depois do seu nascimento, e teve sempre um amor concreto, generoso, delicado e cheio de misericórdia por cada próximo. A sua presença no focolar era garantia de Jesus no meio e podia-se contar com ela em cada momento. Em 1973, Chiara, respondendo a uma carta sua, deu-lhe uma Palavra de vida: «Maria conservava todas estas coisas, meditan-



do-as no seu coração» (Lc 2,19). Quando, em 1982, se estava a preparar para fazer as promessas perpétuas, escreveu a Chiara: «Quando em Loppiano fizemos o "Pacto de Unidade" (eu tive a graça de estar lá naquela altura!), isso deu-me a sensação de estar a ligar-me à Obra

inteira com a medida do dar a vida». E continuava: «Tu nunca nos enganaste, porque é com Jesus Abandonado que nós casamos e Ele está sempre presente e é fiel. Ele coloca-me no caminho certo».

Da sua zona, a respeito da Susana, chegaram-nos testemunhos de gratidão. Uma focolarina casada conta-nos: «Era muito realista, teve sempre um apurado bom senso. Muitas vezes lhe pedi conselhos para educar os meus filhos. Nos anos em que a minha e a sua família passaram dificuldades económicas, ela e Juan estavam sempre atentos, chegavam a nossa casa com bolos para as crianças ou com um pequeno contributo em dinheiro».

Há pouco mais de um ano, a Susana começou a ter problemas físicos e, devido a uma patologia no sangue, a sua saúde foi-se deteriorando rapidamente. Viveu esta doença

em plena unidade com o focolar e queria ser "ajornada" sobre a vida da Obra, dando valor a quanto oferecia por amor a Jesus Abandonado. Todas as pessoas da comunidade estiveram muito próximas dela e da sua família. Em certos momentos, a Susana não estava consciente, mas nas últimas semanas readquiriu uma lucidez especial. À medida que as suas condições de saúde se agravavam cada vez mais, vivia a Desolada, despojada de tudo e projetada no amor ao próximo. Na sua vida desapegou-se não só dos bens materiais, mas também das consolações espirituais porque, no final, foi internada nos cuidados intensivos. Ficou só com Jesus Abandonado, serena, mas sem a presença da sua família. Reconhecidos pela sua fidelidade e doação, rezemos pela Susana e peçamos por Juan e pelos seus filhos.



Angelo Francesconi

«*Quero gritar ao mundo o quanto me amaste!*»

«Embora a minha mãe tivesse sempre procurado colocar Deus nos nossos corações, ao chegar à ado-

lescência afastei-me dos seus ensinamentos, e desde então, na minha vida, nunca mais me debrucei sobre a questão de Deus». Era assim que Angelo, muitas vezes, começava a contar a sua história. Aos 13 anos começou a trabalhar como grumete num veleiro, cujo capitão era o pai. Continuou a trabalhar no mar até aos 45 anos, tendo passado pela segunda guerra mundial e por numerosas vicissitudes.

Em 1968, surgiu a oportunidade de trabalhar em terra e, por isso, mudou-se com a mulher Niva e a filha Antonella de Viareggio para Ostia, perto de Roma. «A chegada a uma grande cidade, com todos os seus problemas, reforçou em nós - éramos de ideologia marxista - o dese-

jo de fazer justiça por qualquer meio e a qualquer custo».

Mas foi aqui que Deus os esperava no caminho. Escreveu a Chiara: «Os instrumentos de Jesus, para a nossa conversão foram alguns gen, que viraram completamente a nossa família». Angelo ficou inflamado pelo hino da 1ª carta de Paulo aos Coríntios: «Percebi que tudo quanto tinha feito até agora foi em vão... Só a caridade permanece». Então entendi que tinha de fazer um grande passo, mas para isso tinha de apelar a todas as minhas forças, porque aos 53 anos era difícil reorganizar as ideias para me apresentar, com um mínimo de dignidade, diante de um sacerdote. Deus ajudou-me e consegui fazê-lo».

Foi assim que ele iniciou a sua divina aventura. Ele e Niva foram uma força fascinante para muitas famílias. Tornou-se logo um voluntário de Deus e juntamente com outros voluntários fundou o Centro para idosos «Valle Aurelia», no centro de Roma. E quando, já reformado - entretanto, a filha tinha entrado no focolar, - ele e Niva mudaram-se de novo para Viareggio, criou, juntamente com uma voluntária, a AVO (Associação de Voluntários Hospitalários).

Em outubro de 1990, Chiara deu-lhe uma Palavra de vida: «Vede que amor tão grande o Pai nos concedeu, a ponto de nos podermos chamar filhos de Deus; e somo-lo, realmente» (1 Jo 3,1), com os votos de *«testemunhar sempre com a tua vida esta esplêndida realidade de ser filho de Deus, de modo que muitas pessoas sintam o desejo de partilhar a tua experiência»*. Durante muito tempo, os voluntários em formação foram confiados ao Angelo e muitos deles ficaram a dever-lhe o seu crescimento espiritual e humano. A sua sensibilidade era tal que não deixava as suas pérolas (os escritos ou videos de Chiara) enquanto não estivesse estabelecida a verdadeira fraternidade sobrenatural, aquela que levava à presença de Jesus no meio.

Juntamente com a mulher, foi a alma nascente comunidade local de Viareggio, que começava a crescer. Escreveram a Chiara depois

Irma Porta

«*Ou se é santo, ou se é um falhado*»

A Irma, empenhada do Movimento Paroquial, chegou à Mariápolis Celeste no dia 19 de janeiro, com 88 anos de idade. Tinha



conhecido o Ideal ao mesmo tempo que o seu irmão, o Pe. Dario, sacerdote focolarino, cuja causa de beatificação está em curso. Relativamente a este assunto, expressou-se deste modo:

«Estou felicíssima por este objetivo a atingir, porque sinto que o Pe. Dario não é apenas meu irmão, mas irmão de todos». De natureza humilde e trabalhadora, acompanhou-o nas várias paróquias da diocese de Parma (zona de Bolonha), numa experiência de unidade testemunhada até ao fim, quando o Pe. Dario chegou ao Paraíso. A Irma sempre o apoiou com a oração e sobretudo com a sua presença que dava vida a Jesus no meio entre ambos, num «sim» sempre renovado a Jesus Abandonado. «Estávamos sem-

do primeiro encontro: «Bastou que nos confiássemos a Ele para tornar visível esta pequena comunidade que parecia não existir. [...] foi mesmo a festa do "povo novo", o teu povo, Chiara».

O Angelo concluiu, aos 91 anos, a sua «santa viagem», na noite de 14 de março.

Foram muitos os testemunhos que chegaram. Na última saudação, na igreja superlotada, foi recordada a oração pessoal que repetia todas as manhãs: «Em nome de Jesus, que reencontrei, quero gritar ao mundo o quanto me amaste!». Parecia-nos a mensagem que também naquele momento ele deixava a todos.

Marcello Catalucci

pre rodeados de pessoas, gente necessitada, muitos deles de fora da comunidade - foi assim que falou com um jornalista que a entrevistou sobre o irmão -. Os dias eram cheios, começavam e acabavam a rezar. Penso que na vida ou se é santo ou se é um falhado».

Nos últimos anos viveu numa casa de repouso da diocese, apoiada por uma prima (voluntária) e por pessoas do Movimento. No último encontro com Glória, uma focolarina, poucos dias antes de partir, a Irma, com um fio de voz e um sorriso, disse: «Ofereço tudo!».

Maria Palladini

Gina Fronzuto Coccoluto

«*Permanecei no meu amor*»



«Há uma revolução dentro de mim; à medida que me ponho a amar começa a res-

surreição de todo o meu ser. [...] O Eterno Pai achou por bem fazer um grande e inesperado dom. Revelou-se-me como um Deus Pai e Deus Amor infinito que olha sempre por mim e pela minha família». Foi isto que a Gina escreveu, em 1966, depois da primeira Mariápolis em que participou. Tinha sido convidada pelo seu irmão, o Pe. Cosimino, sacerdote focolarino, ao qual estava ligada por uma privilegiada relação humana e sobrenatural.

A Gina nasceu no dia 15 de abril de 1934 numa família de uma fé profunda. Esposa, mãe, voluntária, manteve sempre intacta a admiração pela descoberta da Vida e a imensa gratidão ao Pai pelos dons recebidos. Muitos de nós conheceram o seu amor concreto, a hospitalidade e a caridade refinada com que fez "casa" à comunidade da Obra que começava a

Agnes Larssen

Tornar-se «um nada de amor»

nascer. Apoiou as novas gerações, vivendo o Evangelho com o marido, Mimino, e com os filhos Antonio, focolarino, Giuseppe e Immacolata, e mais tarde com os netos.

A seguir ao internamento no hospital de Formia, no início de abril, as condições de saúde pioraram rapidamente, mas a Gina estava bem preparada, tinha percebido a situação há muito tempo, tendo conseguido, quase até ao fim, não ser um peso para ninguém, como de resto durante toda a sua vida. Depois de muitos anos difíceis, em que foi purificada física e espiritualmente, o último ano foi um tempo de graça especial para ela, porque participou de uma dimensão palpável de união com Deus. Esta fase final tão veloz, sem mais sofrimentos prolongados, foi um dom de Deus para todos, porque permitiu à família perceber que o desígnio de Deus sobre ela se estava a cumprir. De facto, tudo aconteceu num clima de paz, serenidade e unidade.

Foi até ao fim uma discípula coerente de Chiara e uma digna irmã do Pe. Cosimino. Ao Pe. Gianfrancesco Bagnulo, capuchinho da Obra, que a foi visitar ao hospital, disse: «Dos pontos da espiritualidade, os meus prediletos são Jesus no irmão e a Palavra».

A Gina partiu para a Mariápolis Celeste, nas primeiras horas do dia 13 de abril, vivendo até ao fim as palavras de Jesus: «Permanecei no meu amor» (Jo 15,9), Palavra de vida que Chiara lhe tinha dado, acrescentando: «*E que a tua vida seja totalmente impregnada e vivificada nele*».

O funeral foi um verdadeiro momento de Deus, com a igreja cheia de gente da família e da Obra, com seis sacerdotes concelebrantes e num clima de recolhimento, decoro e sobriedade, mesmo como ela gostava. Sobre a urna quis apenas o Evangelho e... três cravos vermelhos.

Bonaria Gessa e Antonio Coccoluto

Assim foi a Agnes, uma pessoa com um grande coração, com muita vontade de viver e com um grande sentido de humor. Nos anos 70 conheceu o Ideal e pouco tempo depois fazia parte dos primeiros pré-núcleos de Munique, na Alemanha. Com quem conhecia, em família com o marido Heinz e os cinco filhos (dos quais, dois pares de gémeos), a Agnes procurava aquilo que une, sabia «construir pontes». Chiara, em 1993, deu-lhe uma Palavra de vida: «Se nos amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós (1Jo 4,12) e a Agnes respondeu-lhe dizendo que queria tornar-se um «nada de amor». Fazia-o como responsável de núcleo, com todas as voluntárias.



Sempre disponível, levava os netos aos encontros gen3, a Solingen. Com eles e outras crianças organizava «feirinhas» na rua, transmitindo aos mais pequenos a responsabilidade para com as outras pessoas e para com as suas necessidades. Uma neta dizia: «Se sou aquilo que sou agora, devo-o à minha avó».

Como ficou mal dos olhos, teve de deixar de guiar o carro e andar de bicicleta, mas encontrou formas de permanecer em contacto: e-mails com letras muito grandes, transmissão audio de palavras escritas, através do computador. O seu primeiro livro-audio foi a Sagrada Escritura.

Há três anos atrás, apareceu-lhe uma doença inoperável. Com um sentido realístico, a Agnes falava dela sem se lamentar. Fazia tudo o que o médico lhe dizia, mas relativamente a outras coisas dizia: «Basta-me aquilo que Chiara nos dizia: amar sempre e amar a todos e, como Chiara Luce, dizer: se Deus o quer, também eu quero».

Com uma grande fidelidade participou no núcleo até duas semanas antes de morrer. Esteve no hospital apenas dois dias. Pouco antes tinha

Pat Williamson

Uma amiga forte e verdadeira no céu

A Pat nasceu em Lancashire, na Inglaterra. Por causa de um problema congénito de coração, passou uma juventude muito comedida. Era licenciada em teologia e dava aulas em Liverpool quando conheceu o Movimento e encontrou Derek, com quem se casou. A seguir a uma operação ao coração, nasceu o Tim. Por causa do trabalho de Derek, foram para a África do Sul, onde nasceu a Clare. Quando os filhos eram ainda pequenos aconteceu uma tragédia. O Derek morreu num acidente de viação. Dois anos depois, a Pat voltou a Inglaterra e foi para Harpenden, onde vivia o seu irmão. Deu aulas no *Loreto College* de St. Alban's. Tornouse Diretora do Departamento de Educação Religiosa, cargo que desempenhou até se reformar. Era uma professora muito dotada e com uma grande ascendência sobre os alunos. Dois deles disseram: «transmitiu-me o amor pelas Escrituras, especialmente as do Antigo Testamento»; «Encorajou-me quando era muito jovem, ajudando-me no caminho da descoberta do amor de Deus por mim».

A Pat tinha um grande amor pelos filhos e pelos netos. O Tim testemunhou a sua alegria pela dedicação da mãe no Movimento. Em várias casas de repouso da zona, dava aulas sobre

dito: «Estamos conscientes da utilidade da dor. Gostava muito de partir agora». No dia 29 de novembro, com 74 anos de idade, o Eterno Pai chamou-a a Si. A Missa do funeral foi uma festa de ressurreição. A Agnes, modelo de fé, tinha recolhido os textos e as canções.

Andrea Rösh

a Bíblia e com as voluntárias punha-se à disposição com o seu vigor e *humor*, com generosidade e afeto. Participava no grupo da Palavra de vida, contribuindo com o seu profundo conhecimento das Escrituras e com as suas experiências. A sua fé tinha raízes profundas e, diante das provas, demonstrava uma grande coragem. Os últimos anos foram de crescimento espiritual. Na doença, a Pat foi apoiada pelo focolar, pelos amigos e pela comunidade. No dia 19 de dezembro, com 74 anos de idade, chegou ao fim da sua «santa viagem» em paz, em direção à meta, pronta a deixar tudo.

«Mãe maravilhosa», «professora esplêndida», «uma amiga forte e verdadeira no céu» como demonstraram as "montanhas" de agradecimentos e orações de quantos a visitaram nos últimos meses.

Noreen Lockart



Os nossos Parentes

Passaram à Outra Vida: **Caterina**, irmã de **Pinin (Donata) Paris**, focolarina na Mariápolis Romana; **Margrit**, irmã de **Christa Nadolle**, focolarina em Berlim; **Agnese**, mãe de **Gabriella Rossi**, focolarina casada no Veneto Este e **Angela Maddalena**, mãe de **Graziella Marangoni**, focolarina casada no Veneto Oeste; **Mario**, pai de **Rita Casu**, focolarina em Sassari; **Maria**, mãe de **Luciano Poletto**, focolarino em Trento; **Pe. Nicola**, irmão de **Rosanna Zanoni**, focolarina em Roma; o pai de **Rosalba Poli**, focolarina em Pescara (zona de Roma); **Miguel**, pai de **Miguel Tejerina**, focolarino na Mariápolis Lia (Argentina); **Adão**, pai de **Margarete Peres da Silva**, focolarina no Paraná (Argentina); **Antonio de Jesús** (voluntário), pai de **Sofia Afonsina Graça**, focolarina em Angola.

MARIÁPOLIS Noticiário interno do Movimento dos Focolares

Revista mensal • Número avulso: € 1,50 • Ano XXXI • Julho de 2014 • Propriedade: Movimento dos Focolares (Obra de Maria) • Morada: **Cidadela Arco-Íris • Vale Menriço • 2580-059 ABRIGADA • Tel.: 263 799 995** • Diretora : Filomena Viegas • Tiragem: 400 exemplares • Impressão e pré-impressão: Impresso na U.E. • Colaboradores: Sara Cruz • Isenta de Registo na E. R. C. (ao abrigo do Decreto Regulamentar 8/99 de 9/6, Artigo 12º. nº1a).

Walk4Unity em S. João da Madeira



Foi uma tarde divertida e animada, em que cerca de 100 pessoas, dos 4 aos 80 anos, percorreram a cidade de S. João da Madeira. O pedipaper incluiu 10 postos em diferentes locais (desde a Biblioteca Municipal, passando pela Capela de Sto. António e pelo exterior da Casa da Criatividade até ao Parque do Rio Úl), onde as oito equipas de cerca de dez elementos levavam a cabo jogos ou questionários.



Uma das equipas preparou uma música dançada na Academia de Música, que foi apresentada aos restantes grupos no final da caminhada.

Os motes para os jogos eram tirados à sorte: **FORÇA!** Dá o melhor de ti! Joga com garra e alegria!

JOGA LIMPO! Sê sincero com os outros e contigo mesmo!

AGUENTA FIRME! Não desistas, mesmo quando é difícil!

RESPEITA A TODOS! Cada um é importante!

FAZ A DIFERENÇA! Os grandes desafios vencem-se juntos!

O cansaço não foi minimamente visível até ao final da caminhada e, no final, os caminhantes apresentavam um sorriso no rosto.

Esta atividade foi preparada e dinamizada pelos **Jovens para a Unidade (JPU)** de S. João da Madeira. Os JPU são os adolescentes do Movimento dos Focolares, e estão presentes em 182 países.

O objetivo que os une é realizar a fraternidade universal, envolvendo nesse projeto muitos outros adolescentes no mundo. Acreditam que só o amor pode mudar o mundo e percorrem todos os caminhos possíveis para derrubar as barreiras e as divisões, começando pelas e pelos ambientes onde vivem.

A caminhada solidária levada a cabo na tarde do dia 11 de maio tinha como inscrição um produto para partilhar, que poderia ser um bem alimentar, uma peça de vestuário, um brinquedo, calçado, um produto de higiene...

Estes produtos serão doados a várias instituições da cidade ou ainda vendidos no Bazar Solidário da **AMU (Cooperação e Solidariedade Lusófona por um Mundo Unido)**.

Alexandra Marques Pinto

